

Suany Anjos

Este é um feliz,
FELIZ NATAL!

O conto de Natal da família
Homens da Máfia

ASL



O Natal da Máfia

Série Homens da Máfia

Livro 4,5

Suany Anjos

Edição 2017

Sumário [Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Informações](#)

[É a época mais bonita do ano](#)

[23 de dezembro 2017](#)

[As luzes espalham alegria pelas ruas](#)

[23 de dezembro de 2017](#)

[Eu deveria estar brincando na neve](#)

[23 de dezembro de 2017](#)

[Mas eu estou de baixo do visco](#)

[23 de dezembro de 2017](#)

Sinopse

Um pequeno conto sobre o Natal dos mafiosos, afinal, os brutos (Rex Colton), os homens da caverna, (Henrico Velásquez), os frios, (Lincoln Pierce), os donos dos maiores impérios, (Derek Holt) e os dedicados (Paul Griggrio), são merecedores de um Natal em *família*.

Já imaginou cinco mafiosos ceando em uma noite de Natal a meia noite? Não? Então, leia e imagine!

Dedicatória

A todas as amantes desses mafiosos. Quem lê, ama e acompanha toda essa turma.

Desejo a todos vocês um Feliz Natal, um Prospero Ano Novo e que 2018 seja cheio de bençãos e vitórias para todos!

Informações

O conto se passa depois do Derek: Livro 4. Os acontecimentos narrados aqui, são muitos, do livro: *E eles disseram sim*. Que é o livro que concluirá a série Homens da Máfia e o livro Paul – Livro 5. Então, preciso avisar: *Contém SPOILER!*

Os títulos do capítulo são frases da música *Mistletoe* do Justin Bieber.

É a época mais bonita do ano

23 de dezembro 2017

Alix olhou para o calendário que estava sobre a sua mesa, em seu escritório, e a verdade lhe deu um leve tapa no rosto. Faltavam três dias para o Natal e ela não tinha preparado nada, nada mesmo. Nada que umas ligações, realmente, não resolvessem, mas ela estava tão preocupada com as funções na empresa e mais preocupada ainda em ser a *senhora Colton*, que esqueceu completamente do Natal. *Alix Colton* pegou o celular e discou o número da sua amiga, deixando a chamada no *viva voz*.

— Já imagino que você queira me pedir algo. — Cloe resmungou do outro lado da linha e Alix sorriu enquanto digitava algo no relatório que ela estava fazendo.

— Me surpreendo com o seu amor, achei que depois de arrumar alguém como o Luciano em sua vida você mudaria.

— Não me fala nesse homem.

— O que ele fez dessa vez?

— Ele não para mais em casa desde que Derek foi embora.

— Se você não sabe, Cloe, você namora um *subchefe* de uma máfia.

— Preferia quando Derek era o subchefe, Paul Griggio não para em casa e agora que ele cismou de expandir os negócios dele para *Southland* as coisas ficaram piores.

— Rex acha Paul um homem inteligente. Pensa bem, Cloe, Henrico manda em tudo do lado Norte, seu irmão tem o lado Sul todo nas mãos dele, Rex não deixa ninguém entrar aqui, você acha mesmo que Paul teria chances de crescer em *Roadland*?

— Mas ele precisa carregar o *meu homem* com ele? Logo agora que eu arrumei alguém?

— Você tinha que arrumar um mafioso?

— Olha quem fala, não é? A mulher que teve um casamento

milionário no Caribe com um dos caras mais frios desse mundo.

— Rex não é frio nem aqui nem na China, Cloe.

— Claro que não é. Ele não é nem burro de ser frio com uma mulher como você. Depois de tudo que você fez por ele. — Alix deu uma leve risada, Cloe sempre implicava com Rex, ela sempre implicaria. A única pessoa que Alix respeitaria era o seu irmão e ainda assim, desrespeitando. — Mas me diz para o que você ligou?

— Natal daqui três dias.

— O que têm?

— O que você fará?

— A pergunta certa é: O que você quer que eu faça. — Alix sorriu de novo. Eram três anos de amizade com Cloe, ela realmente a conhecia. Alix se dava muito bem com Rose, mas Cloe, sempre seria sua alma gêmea.

— Não pensei muito no que quero na verdade, só queria a família junta.

— Família junta? Quando você diz a família junta você diz?

— Eu, Rex, você, Luciano, Cat, Henrico...

— Você realmente quer dizer todo mundo?

— Sim, eu realmente quero dizer todo mundo. — Alix ouviu uma risada do outro lado da linha e sabia que Cloe estava achando sua ideia uma loucura.

— Vai comprar presente para todo mundo e dizer que foi o Papai Noel quem trouxe também?

— Se tem alguém que acredita em Papai Noel, pode ser. — Alix colocou um ponto final no relatório que estava fazendo em seu arquivo e voltou sua total atenção para conversa com Cloe. — Falando sério agora. Vamos preparar um jantar, montar uma árvore, chamar todos. Somos uma família. Já faz um bom tempo que não vejo todos.

— Estou com você, Alix. Sabe que essa é a desculpa perfeita para o Luciano ficar por perto, então, estou com você. Quando começamos?

— Agora? — Alix sentiu a animação tomar conta de si.

— Mandarei algumas mensagens, farei a lista e saio para comprar os presentes.

— Tudo bem. Eu ligo para o buffet e vejo a decoração. Alguma restrição?

— Podemos não chamar o Rex? — Alix gargalhou e percebeu que Cloe não estava sorrindo.

— Isso é sério?

— Mas sério que nunca!

— Nem vou me responder.

— Só tentei. — Cloe respirou fundo, se despediu de Alix e finalizou a ligação.

Não entendia porque Cloe implicava tanto com Rex, quem sabe era atração encubada.



Alix colocou as sacolas sobre o balcão da cozinha e respirou fundo ao olhar o horário no relógio que estava pendurado na parede. Já passava das sete da noite. O dia no trabalho foi produtivo.

— Alix. — Lauren, sua mãe apareceu carregando um buquê de rosas vermelhas nas mãos e andando em sua direção. — Como foi seu dia, filha?

— Pelo visto não tão bom quanto o seu. — Alix apontou para o buquê e Lauren revirou os olhos.

— Não sei o que a faz pensar que isso seja meu. — ela entregou o buquê nas mãos da filha. — Quem tem um marido que a mima aqui por qualquer coisa é você, minha filha. — Alix pegou as flores e a levou ao nariz, se soubesse que aquilo seria sua pior atitude não teria feito.

No momento que o cheiro das rosas, sua preferida, precisava admitir, tocou em suas narinas, Alix saiu correndo na direção do banheiro que ficava no andar de baixo da sua casa. Tinha passado o resto da sua tarde sentindo um leve dor de cabeça, uma pressão na parte de trás da cabeça e agora o

NACIONAIS-ACHERON

cheiro das rosas simplesmente a fez correr para o banheiro e colocar tudo para fora. O que se resumia em seu almoço.

— Alix. — sua mãe estava segurando os seus cabelos ao seu lado. — Kim. — Lauren gritou pela sua secretária do lar e esperou que a mesma aparecesse. Alix escutou sua mãe pedir que a mulher trouxesse água e até mesmo remédio para ela enquanto ela ficava de pé e limpava a boca. O que menos ela precisava era ficar doente três dias antes do Natal.

— Não posso adoecer. — Alix jogou água contra o rosto e pegou a pasta de dente para escovar os dentes. — O Natal está chegando, já marquei com a Cloe de fazer algo especial aqui em casa e...

— Shh! — sua mãe a segurou pelo rosto a acalmando. — Não é o momento de pensar nisso, Alix. Você está branca feito um boneco de ceira e, nossa, fria como um. Suando frio também, esse não é o momento de pensar em uma festa.

— Não foi nada, mãe. — Alix se afastou do toque da sua mãe. — Foi algo que eu comi ou... que dia é hoje?

— Vinte e três de dezembro? — Alix tocou os seios sentindo os mesmos doloridos, aquilo só tinha duas explicações: ou ela estava em seu período menstrual ou... — Meus seios estão maiores, não estão?

— Alix, seus seios sempre foram grandes, minha filha. Não faça pergunta difícil. E além do mais, quem pode mesmo lhe responder isso é o Rex. Aquele homem sabe até mesmo quando você corta duas pontinhas do seu cabelo e... Céus! — Lauren calou-se e encarou Alix que ainda estava tocando os seios. Alix viu a mãe levar as mãos até a boca e os olhos se encherem de água. — Você não acha quê?

— Preciso de um teste. — Alix saiu correndo na direção da cozinha tendo sua mãe em sua cola. Pegou a bolsa e Lauren a seguiu na direção do carro, ela estava nervosa, mas sua mãe estava muito mais.

Não seria legal deixá-la dirigir. Pior ainda seria sair com seus seguranças, eles a veriam entrar em uma farmácia e ela temia que em segundos seu celular tivesse alguma mensagem de Rex, sua vida era mais o menos assim: monitorada.



E tão certo quanto dois mais dois é igual a quatro, assim que ela passou o seu cartão na máquina para pagar os, quatro testes de marcas diferentes que ela comprou, seu celular tocou. O nome do seu esposo estava piscando na tela e Alix respirou fundo antes de atender. Amava a vida que tinha, amava seu esposo. Ainda lembrava cada detalhe do dia em que ela tinha falado o tão famoso sim para o tão temido Rex Colton, mas tinham certas coisas que a sufocavam, aquele tipo de coisa, por exemplo. Uma mulher precisava de espaço em alguns momentos da sua vida.

— Fala amor.

— Está tudo bem? — o tom de voz de Rex estava preocupado e Alix não o culpava, por céus, ele era um mafioso. Conhecia muito bem os medos e receios do seu esposo.

— Por que não estaria?

— Recebi uma ligação dizendo que você saiu correndo de casa e foi direto para uma farmácia. — Rex respirou do outro lado da linha. — Estou em casa.

Alix olhou rapidamente para a tela do celular e destravou o alarme do carro entrando e sentando do lado do motorista.

— Você foi para casa por causa da ligação?

— Preciso responder essa pergunta? — Alix sorriu ligando o carro.

— Estou indo para casa, minha mãe está comigo, amor. Está tudo bem. Não se preocupe.

— Bem, você sabe. Isso quem vai dizer sou eu. — Alix revirou os olhos. — Quando meus olhos estiverem sobre a sua figura e eu tiver a certeza que não há nenhum aranhão sobre o seu corpo eu ficarei tranquilo.

— Você precisa se acalmar, sabia? Isso não faz bem para o coração.

— E você precisa chegar em casa em quinze minutos ou eu juro que vou atrás de você. — Alix sabia muito bem que Colton a qualquer momento

apareceria na farmácia se ela demorasse, então, ela finalizou a ligação, engatou a primeira marcha e pegou a rua.

Tinha um marido impaciente em casa a esperando.

Alguns minutos depois, Alix desceu do carro escondendo os testes dentro da bolsa. Se aquilo era mesmo o que ela estava pensando, seria um ótimo presente de Natal para dar ao Rex e não estava em seus planos estragar a felicidade que seria aquele natal. Não seria nada mais perfeito. A família reunida, amigos e a grande família Colton crescendo mais um pouco. Alix sorriu e seu sorriso aumentou ainda mais quando Rex apareceu na porta de entrada. A gravata frouxa em volta do pescoço, os primeiros botões da camisa aberta, os cabelos bagunçados e um olhar preocupado. Aquele homem sempre seria um predador, sempre seria o seu predador.

— Algo me diz que o meu genro precisa de um analgésico. — Lauren passou pelo Rex e deu uma leve batida em seu ombro, Rex a cumprimentou com um rápido beijo no rosto, mas rapidamente voltou seu olhar para sua esposa. — Deixarei sobre o balcão da cozinha.

— Obrigado, Lauren. — Rex cruzou os braços sobre o peito e Alix sorriu. Adorava ver o jeito que ele tentava ser rude e frio com ela, mas aquela fase já tinha passado. Há muito tempo.

— Por que dos cabelos bagunçados? — Alix se aproximou e rodeou os braços em volta da cintura do esposo e deitou sua cabeça contra seu peito. Estava realmente cansada e não tinha se dado conta disso.

— Você será a causa dos meus cabelos brancos, Sra. Colton. O que aconteceu? Você passou mal? O buquê que lhe mandei ainda está sobre o balcão, jogado de qualquer jeito por sinal, não no seu escritório como você sempre faz.

— Minha mãe precisou ir à farmácia, amor. Só fui com ela.

— Correndo?

— Quem lhe disse que eu fui correndo?

— Vamos começar a mentir agora, Alix? — Rex segurou seu rosto, a tirando do aconchego que estava os seus braços.

— Só acho que eu tenho o direito de ir a uma farmácia com a minha

mãe, às vezes, sabia. — Alix se afastou e saiu andando para dentro de casa.

— Acho a mesma coisa. Desde que não seja correndo. Meus homens se preocuparam, acharam que tinha acontecido alguma coisa. Até que você chegasse a farmácia e eles finalmente me avisassem, passou mil e uma possibilidades na minha mente. Você sabe que estamos expandindo nossos negócios, você sabe muito bem que todo cuidado é pouco e preciso que você...

— Fique quieto. — Alix virou rapidamente no corredor que ligava a cozinha. Seu humor também estava mudado e não era de hoje. Ela só não estava prestando atenção nos sinais. — Amor. — Alix se aproximou de um Rex que estava calado, com a mandíbula rígida e completamente sério. — Eu te amo, amo mesmo. Amo sua proteção, o jeito que você se preocupa comigo, acho lindo, mas eu estou com dor de cabeça. Está bem? Será que você consegue deixar o *modo operante* de lado por algumas horas e ser o esposo que eu amo e com quem eu me casei? Eu realmente preciso desse homem agora. — Alix não sabia porque, mas uma bola enorme se formou em sua garganta e a vontade que ela tinha de chorar era imensa.

— O que está acontecendo, Alix? — Rex não a tocou, esse era o lado do seu esposo que ela odiava. Rex era um homem amoroso, mas quando ele estava com raiva, ou era contrariado de alguma forma ele deixava o seu lado frio se aflorar. — Você está chorando?

— Analgésico. — Alix respirou fundo quando Lauren apareceu no corredor. Conhecendo muito bem a sua mãe, ela sabia que ela estava esperando o momento certo para intervir. Aquele tempo de convivência tinha dado a matriarca dos Hine uma boa vantagem sobre Rex Colton, ela sabia lê-lo tanto quanto Alix.

— Alix precisa mais do que eu.

— Na realidade, eu só preciso de um banho e um pouco de paz. — Alix refez o seu caminho. Não seguiria mais para cozinha e sim para o seu quarto.

— Engraçado você pedir por paz quando descubro que marcou um jantar de Natal aqui em casa.

— Eu quero paz agora.

— Então você quer distância da minha pessoa.

— Eu só quero que você entenda, que preciso de espaço.

— Você nunca me pediu espaço antes, Alix.

— Talvez tenha sido esse o meu grande problema!

— *Okay*. — Lauren elevou as mãos entre os dois. — Vocês não farão isso, não é? Não tem nada a ver com vocês.

— Vou subir.

— Alix. — Lauren segurou Rex no mesmo lugar e Alix subiu as escadas o mais rápido que conseguiu.

A última coisa que ela queria era brigar com Rex, mas as vezes, seu jeito de agir, sua proteção, realmente a tiravam do sério e ela só precisava conferir, tirar a prova de tudo que estava acontecendo naquele momento.

Alix correu para dentro do banheiro trancando a porta do mesmo e pegou os testes de dentro da bolsa. Lendo todos os procedimentos que estavam na caixa, ela fez tudo como estava mandando e esperou.

Foram os cinco minutos mais longos da sua vida.

As luzes espalham alegria pelas ruas

23 de dezembro de 2017

Catalyn pegou o seu celular quando ele vibrou sobre o balcão da cozinha. Era uma mensagem da Alix, sua amiga e chefe. Nunca abriu mão do seu emprego, nunca abriu mão da sua faculdade, nunca abriu mão de ser quem ela era. Seria sempre Catalyn Sheridan, independente de que Henrico Velásquez nunca tivesse lhe feito o tão temido pedido, ela estava feliz.

Cat arregalou os olhos ao ver de o que estava escrito na mensagem a vontade que ela teve foi de pular, mas as últimas palavras da mensagem a contiveram: Mantenha segredo. Ela faria isso por sua amiga. Catalyn digitou rapidamente uma mensagem e voltou-se a colocar os legumes dentro do triturador, era a hora do jantar e...

— Tem alguém aqui que não aguenta mais esperar. — Catalyn sentiu o seu coração pular na boca. Quando se acostumaria com Henrico? Quando se acostumaria com o fato de que aquele homem era seu e de que aquela criança que ele carregava em seus braços era um fruto daquele amor?

Ettore, seu pequeno e lindo *Ettore*, estava nos braços de Henrico. Quando os dois descobriram que teriam um menino e tiveram a bela missão de escolher os nomes, Catalyn resolveu que a tradição de manter os nomes italianos continuaria. Enzo, Henrico e agora Ettore, não que ela sonhava em ver seu filho seguindo o mesmo caminho que o pai, nunca em sua vida desejaria isso para o seu pequeno, mas Catalyn não era nenhuma mulher boba. A máfia precisaria, no futuro, de um sucessor e Ettore tinha o sangue de um Velásquez correndo em suas veias, Catalyn sabia que Ettore não fugiria daquele futuro.

— Quero saber qual dos dois não aguenta mais esperar, você ou o Ett?

— Claro que é o Ett! Acha mesmo que eu exigiria alguma coisa sua, *gatinha*? — Henrico se aproximou de Catalyn lhe dando uma leve mordida em seu pescoço.

Ettore gritou, aqueles gritinhos deliciosos, que somente bebês sabem dar ao ver a aproximação de sua mãe e praticamente se jogou nos braços de Catalyn.

— Rico!

— Que foi, gatinha? Ele se jogou! — Henrico deu uma gargalhada fazendo Ettore rir também.

Catalyn ainda se perguntava porque depois de carregá-lo por nove meses em sua barriga e passar mais tempo com ele do que o Henrico, ainda assim, Ettore gargalhava ao ver o pai.

— Preciso terminar a comida dele. — Henrico estava usando uma calça de moletom cinza e estava sem camisa enquanto bebia água diretamente da garrafa. Quando Cat o via daquele jeito, sem seus ternos, com seus cabelos bagunçados e a barba desalinhada ela, de maneira nenhuma, o achava o homem ameaçador que ela sabia que ele era. Henrico colocou a garrada sobre o balcão da cozinha e pegou Ettore dos braços de Catalyn o colocando sobre o balcão também.

— Mamãe precisa trabalhar, *poderoso chefinho*. — Cat escondeu o seu sorriso antes de repreendê-lo.

— Não o chame assim, *Ursinho*.

— Certo, a intenção é me deixar com raiva?

— Não. — Cat mordeu o lábio e viu os olhos de Henrico ficarem escuros a admirando. — A intenção é fazer com que você pare com esse apelido ri...

— Não chame o apelido de ridículo, você sabe que a minha mãe adora chamá-lo assim. Vai contrariar sua sogra?

Catalyn, literalmente, mordeu a língua para não falar nada. Era verdade, aquele era o apelido preferido, de quase todos, os parentes do Henrico para o Ettore.

— Você sabe tocar na ferida, não é?

— E você sabe ser sexy, não é? — Henrico a mediu de cima abaixo e Catalyn sorriu.

— Deixa eu fazer a janta do seu filho e...

O celular do Henrico começou a tocar e Cat parou de falar e o observou atendê-lo.

— Viva voz, Cloe.

— Oi Cloe, tudo bem?

— Se estão todos juntos vocês estão na cozinha e não dentro de um quarto o que é um milagre.

— Você não tem amor à vida, não é, Cloe? — Henrico brincou enquanto dava nas mãos de Ettore um pedaço de cenoura para ele comer.

— Não tenho é medo de vocês. Ettore está aí?

— Comendo cenoura e esperando sua janta. — Cat respondeu e Cloe começou a brincar com Ett do outro lado da linha, a criança, estava prestando atenção ao mesmo tempo que não sabia de onde estava vindo o som.

— Estamos no aguardo da notícia, Cloe, afinal, você está estragando um momento em família.

— Para com isso, Rico.

— Muito bem. — Cloe respirou do outro lado da linha. — Que fique bem claro que de você e do Ett eu gosto, Cat, mas esse *seu esposo*, realmente não curto.

— É recíproco, agora, direto ao ponto.

— Alix quer fazer um jantar de Natal e quer a presença de todos. Não me pergunte como, mas o que a senhora Colton quer, ela consegue. Então, comprem seus presentes, façam os seus melhores pratos e venham jantar conosco.

— A família do Rico está vindo para cidade, Cloe. Passaremos o Natal juntos.

— Muito bem, venham todos. Alix faz questão. Aproveite e avise ao Lincoln e a mulher dele, Alix os convidou também.

— Rex sabe disso? — Henrico perguntou.

— Rex Colton não tem mais *nem bolas* e não sabe, Henrico. Assim como você.

— Assim como o Luciano, na realidade, ele nunca teve. Perdeu o que
NACIONAIS-ACHERON

restou depois de ficar com você.

— Cale a boca. Titia te ama, Ettore, beijos, Cat. Esperamos por você.

— O que faremos? Minha mãe, Vicky, West, meu tio e a Trinity estão vindo, você sabe.

— Acho que Alix não se importaria de nos receber.

— Rex está realmente sabendo disso? Acho meio difícil.

Catalyn colocou a comida do Ettore em seu prato e se aproximou do balcão para alimentar seu pequeno. Os braços de Henrico rodearam sua cintura e ela sentiu a barba dele roçando em seu pescoço.

— Depois do que a Alix tem a contar, Rex entenderá que as coisas irão mudar.

— O que isso significa?

— Significa que vamos a esse jantar e que iremos celebrar o presente que o Rex ganhará esse ano do *Papai Noel*.

Eu deveria estar brincando na neve

23 de dezembro de 2017

— O que você acha desse? — Savannah andou na frente do Lincoln mostrando o que era o, quinto vestido, daquela noite. A proposta era simples: se arrume, pois iremos sair para jantar. Não era todo dia que Henrico Velásquez tirava uma noite de folga e simplesmente fechava as suas casas, ele precisava aproveitar, eles precisavam aproveitar, mas Savannah já tinha tirado a sua paciência, que era de Jó, ou seja, muita.

— Sophie está a meia hora pronta na sala, *Perdição*. Não faça isso comigo, não faça isso com conosco. Estou com fome, já mandei que ela comesse tudo que ela encontrasse na geladeira.

— Se ela estiver suja a culpa será sua, Lincoln.

— Minha? Você mudou pela quinta vez esse vestido e a culpa é minha? É um jantar.

— Nunca é só um jantar quando se trata de você. Aprendi isso esse tempo todo que estou ao seu lado.

— Esse vestido está perfeito. Temos reserva, iremos perdê-la.

— *Okay*. — Savannah se olhou no espelho de novo e Lincoln a observou passar, mais uma vez, batons nos lábios.

Ele se aproximou lentamente e abraçou pela cintura. A junção era perfeita, pelo menos ele achava. Ela estava linda com seu vestido vermelho. Adorava que Savannah estivesse se amando.

— Você está linda.

— Você fala isso até quando eu acordo e estou com os cabelos bagunçados, *Tentação*.

— O que posso fazer se é o que eu acho? Você sempre será perfeita.

Nem mesmo a pequena cicatriz que Savannah carregava sobre o lábio, como amostra, do que tinha acontecido com ela no passado, tirava a sua

beleza exótica. Cabelos ruivos, olhos claros, lábios carnudos, pele clara e completamente sua.

— E você sempre será o meu sonho perfeito, Lincoln Pierce. — Savannah se dobrou e tomou os lábios do mafioso em um beijo.

— *Papai*. — Sophie entrou no quarto correndo e interrompendo o momento dos dois. Aquela era a especialidade da pequena, que agora já estava com os seus cinco anos de idade. — Estou com fome. — Sophie parecia completamente triste.

— Culpe a sua mãe. — Lincoln caminhou na direção do armário do quarto e pegou as chaves do carro e o documento. — Ela demorou a se arrumar.

— Mamãe.

— Desculpe, *raio de luz*. — Savannah caminhou na direção da filha e se abaixou quase em sua direção. — Mas já estamos saindo.

— Papai prometeu que depois vamos ao parque.

— Papai prometeu isso é? Sem falar com a mamãe?

— É sempre o papai quem leva, mamãe não precisa ficar sabendo. — Lincoln piscou na direção da Savannah e seguiu para mais perto da Sophie. — Quem chegar primeiro no carro aperta o botão para abrir a garagem.

Sophie saiu correndo na sua frente e Lincoln aproveitou para olhar para Savannah e deixar claro, com um gesto de apontar para o relógio do pulso, que eles estavam atrasados.



— Quem é? — Lincoln estava lendo uma mensagem de Cat.

— Catalyn. Alix está nos convidando para passar a noite de Natal com eles. Disse que fará um jantar.

— Não preciso nem perguntar se iremos, não é? É de Alix Colton que estamos falando além de ser uma mensagem de *Catalyn Sheridan*.

— Já disse que esse seu ciúme é sem fundamento, não é?

— Não são ciúmes, eu só sei que Catalyn é importante para você.

— Ela não é importante, ela é alguém especial. *Perdição*, ela passou pela mesma coisa que você. Se não fosse pelo Henrico e Aaric você estaria morta, do mesmo jeito foi com a Catalyn, se não fosse por mim, ela não estaria mais aqui. Você não é grata pela ajuda dos dois?

— Sou.

— É a mesma coisa que acontece entre eu e a Catalyn, gratidão. E o convite não é dela e sim de Alix Colton. Você tinha planos para o Natal?

— Além do nosso jantar costumeiro e passar na casa do Henrico para ele encher a Sophie de presente? Não, não tinha planos. — Lincoln sorriu.

Não conseguia entender Savannah. Ela aceitava Catalyn, às vezes, e outras vezes não a aceitava. Aquilo só podia ser coisa de mulher. Já fazia dois anos que eles estavam juntos, Ettore já tinha um ano e nove meses, aquele ciúme era infundado.

— Então jantaremos com os melhores.

— E piores. — Savannah, com certeza, estava se referindo a Sunny. Não que a mulher fosse ruim, quer dizer, a quem ele queria enganar, não é?

— Já escolheram?

— Já! — Sophie chamou atenção do garçom com sua resposta. — Quero batata-frita, muita batata-frita. — o garçom olhou na direção da Savannah, como se esperasse o seu consentimento.

— Traga batata-frita para todos, então.

Lincoln e Savannah fizeram o resto dos pedidos e o garçom saiu logo em seguida. Era sempre um desafio lidar com uma criança portadora de *síndrome de down*, uma coisa que ele tinha aprendido era que Sophie *não tinha* limitações. Era sempre um prazer vê-la vencer cada desafio, crescer cada dia mais e mudar também. Se dependesse dele, sua filha teria o mundo.

— Esse jantar não tem motivo especial mesmo, *Tentação*?

— Não. — Lincoln tomou um pouco do seu suco. Sendo o motorista da vez e com sua filha no carro, todo cuidado era pouco. — Henrico resolveu tirar o dia de folga.

— Está tudo bem com os negócios?

— Você é a melhor pessoa para responder isso, amor. — Savannah sorriu.

— Do meu ponto de vista, digo, a respeito dos números, está tudo bem. Mas quero saber se está tudo bem entre vocês, tudo bem entre os funcionários, tudo bem na casa dele, tudo bem com a cidade. Você sabe que esse tipo de coisa você esconde de mim.

— Para o seu próprio bem.

— Sei disso.

— Seu e da nossa pequena, mas para que você fique tranquila, está tudo bem sim. Com a cidade. Sei que é isso que mais lhe preocupa. Então, fique calma.

— Está bem, amor.

— Queria lhe mostrar uma coisa. — o garçom chegou trazendo uma garrafa de champanhe e Savannah parecia confusa, Lincoln entendia porque. Ele não tinha pedido champanhe, não pelo menos na sua frente.

— Aqui, senhor.

— Pode deixar aqui. — Lincoln sorriu e viu que Savannah não estava sorrindo, Sophie estava completamente entretida com suas batatas, colocando catchup, Savannah sentia que tinha que cuidar da sua filha, mas estava mais curiosa com o fato de que, Lincoln, pediu champanhe e sem que ela soubesse.

— Por que do champanhe?

— Porque eu tenho um pedido a fazer nesse momento.

— Que tipo de pedido?

— Papai quer lhe pedir em casamento. — Savannah levou a mão no coração e Lincoln pareceu que tinha levado um soco no estômago. Como Sophie sabia disso. — Eu o vi ensaiando o que falar hoje mais cedo.

— Sophie! — a pequena voltou a comer suas batatas como se não

estivesse acabado com a surpresa.

— É isso. — Lincoln ficou de joelhos e pegou a caixinha de veludo que estava dentro do bolso do seu blazer. — Savannah Fraiser, você quer casar comigo?

— Sim! — Savannah se jogou sobre o colo do Lincoln e nem se importou que o jogou no chão. Ouviu som de pessoas batendo palmas e sabia que os dois estavam chamando atenção, mas não estava ligando.

Ela seria a Srta. Pierce.

O natal nem tinha chegado e estava vindo cheio de presentes.

Mas eu estou de baixo do visco

23 de dezembro de 2017

— Ah! — Aricia gritou e viu Derek descer as escadas correndo. Seu esposo estava usando uma bermuda branca e estava sem camisa. *Caribe* era um lugar realmente quente.

— O que aconteceu?

— Cloe acabou de me mandar uma mensagem nos chamando para passar a noite de Natal na casa de Alix e Rex Colton. Diz que vamos, *vagabundo*. Diz que você consegue dispensa na *empresa*.

Derek sorriu, ainda não tinha tido coragem de contar para Aricia que a situação, empresa, não existia. Que ele estava mesmo era envolvido com algumas coisas bem ilegais no Caribe, jogos, rinhãs de galos, contrabando. Coisas bem piores de quando ele morava em Roadland. E que Paul, de vez em quando, lhe pedia conselhos, afinal, seu antigo subchefe estava revolucionando a máfia para o lado de *Roadland* e para *Southland* também, mais ainda para *South*.

— Acho que consigo dispensa sim. Mesmo que faça somente dois dias para o Natal. Posso falar com o meu chefe, tenho um sido um funcionário exemplo.

— Sabe. — Aricia desceu as escadas trazendo sua pequena Mary em seu colo. Ela estava com três meses. — Nunca sei quando você está realmente falando a verdade ou quando tudo não passa de uma mentira, Derek.

— Por que eu mentiria? Eu meio que tenho o direito de passar a noite de Natal com a minha família. Julgando que nossas famílias não são daqui, nada mais justo que façamos isso.

— E você acha que conseguimos planejar uma viagem dessas?

— A empresa em Roadland continua sendo nossa, *Patricinha*. Acho que se você conversar com a Elaine ela arruma as passagens o mais rápido

possível. Não é ser presunçoso, mais dinheiro não é o problema.

— Quero saber se nós iremos?

— Por que não iríamos? Você quer ir, não é? Confesso que sinto saudade daquele povo. Meio que ainda devo agradecimentos e desculpas a muitos naquela cidade. Ela é a nossa cidade, amor.

— Falarei com a Lane.

— Falando na Lane. — Derek parou perto do balcão coçando o pescoço. — Talvez seria legal não falar nada do Paul com ela, a última notícia que o Paul me deu foi que os dois não estavam muito bem.

— E imagina só por que, não é? Vocês e seus costumes de mentiras.

— Acho que não tem nada a ver com isso.

— Pai. — Gabe entrou correndo na cozinha. Agora Gabriel estava com os seus quatro anos completo bem mais esperto, bem mais decidido e ainda bem mais parecido com Derek, Aricia dava graças pelo o nascimento de Mary, sua pequena princesa, aquela que ela mimaria e não deixaria aquele mundo sujo e corrupto tocá-la. Não que tocaria em Gabriel, afinal, Derek *estava aposentado*, mas ainda assim, ela tinha seus medos. — Vamos jogar?

— Só se for *NBA*?

— Claro que é. — Aricia sorriu e os viu sair enquanto colocava Mary melhor em seu colo para amamentá-la.

Seria perfeito, mandaria uma mensagem para Cloe, perguntando se sua mãe podia estar no jantar. Depois da morte do seu pai, ela estava vivendo com a sua irmã, mas se era um jantar em família, o momento que todos usavam para pedir perdão, era o momento perfeito para que todos estivesse junto. Enquanto se dobrava em duas para dar de mamar a Mary, ela passou a digitar a mensagem para Cloe e depois para Lane, estava contando as horas. Precisava arrumar tudo e saber o local em que eles ficariam.

Ela estava de volta, nem que fosse por algumas horas, mas ela estaria de volta.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Eu não quero perdê-la no feriado

23 de dezembro de 2017

Paul abriu a porta do seu apartamento e jogou a sua enorme mochila bem no meio da sala, o barulho faria com que qualquer pessoa escutasse, menos Lane, quer dizer, ele tinha quase certeza que *sua namorada* escutou sua chegada, afinal, ele deixou claro por mensagem que ele estava chegando de viagem, mas ela não respondeu, julgando que ela estava jogada no sofá da sala e que Paul não sentia nem mesmo o cheiro de comida invadindo o seu apartamento, Elaine estava mesmo o esperando, mas o esperando para a briga.

— *Morena.* — ele tentou na gentileza, mas o que recebeu foi um olhar carregado.

— Não sabia que você chegaria hoje.

— Você sabia. — Lane riu. — Eu avisei por mensagem.

— Desde quando suas mensagens são realmente importantes, Paul? E desde quando você se importa do que eu penso sobre as suas viagens, negócios e pessoa?

— Desde quando eu lhe chamei para morar comigo.

— Sêrio? — Elaine finalmente deixou de prestar atenção na televisão. — Achei que eu não fosse importante, não foi isso que você falou alguns dias atrás? Quando tentei lhe ajudar?

— Já disse que estava com a cabeça cheia e que você chegou em um momento não agradável, Lane. — Paul estava se sentindo um completo estranho dentro do seu apartamento e naquele relacionamento com Elaine.

Ele sempre se perguntava como os dois conseguiam levar aquele relacionamento a tanto tempo. Acredita, sem colocar ou sem tirar uma vírgula que era porque Lane conhecia o seu mundo, achou mesmo que seria bem mais fácil, mas ser mafioso nunca foi tão difícil. Ser chefe de uma máfia era pior ainda. Paul sabia que Elaine queria ajudar, mas ela tinha que entender

que sua ajuda nem sempre seria bem-vinda e nem mesmo certa.

— Então, eu estava com a cabeça cheia hoje, quando você me mandou a mensagem. Sinto em dizer que não vi.

— Não pediu nem comida?

— E nem vou pedir.

Paul respirou fundo e contou até três, entendia Lane, ela era uma mulher difícil e determinada, quando ela decidia algo não tinha quem tirasse isso de sua mente e Paul até admitia que foi rude com ela.

— Temos um convite para passar o Natal na casa do Rex.

— Eu tenho família, Paul. — Lane respondeu se sentando melhor no sofá quando Paul caminhou até lá se sentou-se ao seu lado. Ele queria abraçá-la, estava com saudade, ficou sabendo que ela foi em uma festa e queria saber se ela continuava sendo somente sua. — Passarei o Natal com a minha família.

— Quem sabe depois não dê para você passar lá? Estarão todos. Acho que até a Aricia, Derek, Gabe e Mary.

— Eu sei. Aricia me mandou mensagem pedindo que eu reservasse algumas passagens, eles chegam amanhã mesmo quase pelo horário.

— Quem sabe não seja disso que estamos precisando? Um momento com amigos, sem essa tensão que há dentro do nosso apartamento?

— Não acho que amigos possam arrumar nossa situação, Paul. Estamos com problemas porque você se envolveu demais nesse mundo. Não acho que você esteja errado, afinal, é o seu serviço, contudo, não sou obrigada a conviver com ele, seu mau humores, sorri e dizer que está tudo bem. Sou diferente de qualquer mulher que seus amigos já tiveram. Acho que até qualquer mulher que você já teve.

— Não sou aquele tipo de homem colecionador de mulheres, *Morena*. Talvez esse seja o meu problema. Não saber lidar com os problemas de uma máfia e uma mulher com personalidade forte.

— É essa a desculpa que você dará para os nossos problemas? Que a minha personalidade é forte demais? E que você não aguenta?

— Não, não são desculpas, Lane. Só estou tentando consertar o que

NACIONAIS-ACHERON

está estragado.

— Tarde demais. — Elaine ficou de pé pegando o seu celular. — Vou pedir comida para você e vou me deitar.

— Você passará a noite de Natal conosco?

— Vou pensar. — Lane respondeu enquanto mexi no seu celular. — Talvez quando der meia noite eu passe lá para ver a Aricia. Estou com saudades da minha amiga e, pelo menos, ela merece a minha presença.

Paul respirou fundo.

Não era muito bom com romances e amor, mas algo dizia dentro do seu peito que ele tinha estrago as coisas com Lane e que teria problemas para resolver, se ele realmente acreditasse em *Papai Noel* e essas coisas de pedido, ele pediria que Elaine o perdoasse.

Dizem por aí que o Papai Noel vai chegar essa noite

25 de dezembro de 2017

Alix não sabia que vestido colocar, já era o quarto que ela experimentava, o pequeno problema era simples, ela não tinha percebido que sua barriga estava tão evidente assim. Seu mau humor estava evidente, seus enjos eram evidentes, rejeitar os carinhos e a presença de Rex, porque seu perfume a incomodava, era evidente, isso até mesmo estava deixando Rex cada vez mais nervoso e a ela também. Alix sabia que sua mãe estava entre a cruz e a espada entre eles. Lauren estava a dois dias tentando apaziguar uma situação a qual, Alix, queria surpresa total.

— Alix, eu... — Rex parou ao entrar no quarto e ver que Alix estava se analisando no espelho. Ela estava com um vestido vermelho, tubinho, que marcava bem suas curvas, inclusive sua barriga. — Você está linda.

— Na verdade eu já provei quase todos os meus vestidos. Fiquei tão preocupada esses dias e distante que não tive tempo de ir a uma loja.

— Esse vestido é perfeito, amor.

— Tudo você acha perfeito em mim.

— Por que é! — Rex respondeu com um pouco de arrogância. — Não sei o que anda acontecendo com você, mas quando essa festa acabar eu lhe trancarei dentro do nosso quarto e você me escutará. Falará tudo que está lhe incomodando e resolveremos isso. Cansei, Alix.

— Cansou de mim? — ela não sabia porque, quer dizer, sabia que eram os hormônios que estavam à flor da pele.

— Cansei de fingir que essa situação não me incomoda. Depois que o último convidado dessa noite sair daqui, vamos resolver nossos problemas. Se for sobre uma cama, assim será, se for com você gritando no meu ouvido, assim será, ou se será com você me batendo, me destruindo com palavras, sei lá, não quero saber. A única coisa que eu quero é a minha mulher de volta.

Alix respirou fundo e se aproximou do Rex e segurou o seu rosto com carinho, ele estava certo. Ela andava tão cansada, preocupada que a noite

fosse inesquecível, que tudo fosse perfeito que, nem por um minuto, passou por sua mente que ela o estivesse magoando.

— Me desculpe, meu *T.Rex*. — ele sorriu e ela sabia que o tinha em suas mãos. — Quando o último convidado dessa noite sair da nossa casa, você será um novo homem.

— O que você está aprontando, *Alix Colton*?

— Eu nada, só estava ouvindo uma música hoje e, *dizem por aí que o Papai Noel vai chegar essa noite*.

— Que besteira, Alix. — Rex tentou beijá-la, mas Alix se afastou.

— Por favor, troque esse perfume. Ele me dá enjoo.

— Mas você sempre adorou esse cheiro. Me deu de presente de aniversário dois desse perfume com a desculpa que não podia acabar.

— Eu sei. — ela respirou mais fundo ainda colocando suas mãos em seus ombros. — Só troque, amor, por favor.

— Tudo bem, eu farei.

— Mas o que você veio falar.

— Eu só queria avisar que...

— Eu cheguei e já bebi, acho que três drinks maravilhosos! — Cloe estava parada na porta do seu quarto e Alix sorriu.

Era ótimo ter amigos, era ótimo ter família, seria ótimo criar a sua própria família.

— Adorei o vestido. — Cloe passou por Rex como se ele não estivesse ali e sentou na ponta da cama do casal.

— Boa noite, Herdeira.

— Eu tenho um namorado tão mafioso quanto você, eu estou em um jantar que será maravilhoso, não estrague a minha noite, *Tirano*.

— Não farei. — ele olhou de novo para Alix. — Sua mãe está precisando de você.

— Já estou descendo, amor.

— Cuide do meu homem, Tirano. Não o assuste.

— Se você não fez isso, Cloe, eu não farei. — Alix escondeu o sorriso para não deixar a amiga triste, mas era sempre legal ver a forma nada amorosa que os dois se tratavam.

— Esse homem é tão arrogante e o jeito que ele te olha me dá raiva.

— Não deveria. — Alix olhou mais uma vez ao espelho. — Você já arrumou alguém em sua vida, Luciano lhe olha da mesma forma, Cloe.

— É impressão minha ou você está gorda?

Alix riu se olhando ao espelho.

— É impressão.

— Não é. — Cloe ficou de pé e se aproximou de Alix a olhando melhor. — Já lhe vi com esse vestido e ele não fica assim, se há uma mulher perfeita em corpo, que eu conheça, essa mulher é você. O que está acontecendo? Quando eu cheguei você e o Tirano estavam em uma pequena *D.R.* Você está bem? — Alix não podia esconder de Cloe, ela tinha contado a Cat e Cloe nunca lhe perdoaria se descobrisse isso. Ela alisou o seu ventre e viu os olhos de Cloe se arregalarem. Sua amiga levou as mãos na boca e seus olhos ficaram brilhantes. — Sério isso?

— Muito sério!

— *Eu amo esse Tirano!* — Alix não entendeu nada aquela declaração de amor, mas recebeu o abraço da amiga com prazer.



Ficou feliz em saber que Cloe estava alegre com sua benção.

Rex levou o copo com sua bebida até a boca e assistiu Alix descer a escada conversando com Cloe, *sua esposa*, estava linda. Como somente ela sabia ser. Mas as coisas, na sua percepção, não estavam boas. Se sua opinião realmente importava, dentro daquela casa, ele diria que não queria aquele jantar. Que queria mesmo era resolver fosse qual fosse o problema com Alix.

— Colton! — a voz de Paul Griggio chegou aos seus ouvidos e Rex desviou os olhos da figura da sua esposa para ver o *seu amigo* vir da direção

da cozinha. Não sabia se Paul chegaria a tempo.

— Pelo visto você está solteiro nesse natal. — Rex se aproximou apertando a mão do Paul e recebeu um leve tapa contra seu ombro.

— Estou achando que sim.

Um garçom chegou perto dos dois e ofereceu uma bebida, Paul pegou e o garçom saiu logo em seguida.

— Paul. — Alix parou ao lado do Rex colocando uma mão envolta da sua cintura.

— Boa noite, *Sra. Colton*. Muito obrigado pelo convite.

— Mas tenho a leve impressão que o convite não foi só para você.

— Não foi, mas infelizmente *não estamos bem*.

— Sinto muito.

— Sei disso.

— Preciso checar a cozinha.

— E eu preciso resolver umas coisas. — Rex apontou para o Paul que estava na sua frente, mas seus olhos estavam sobre sua esposa.

— Negócios? Na noite de Natal?

— Coisa rápida, prometo. — Alix revirou os olhos e Rex roubou um beijo dela antes de fazer um sinal com a cabeça para que Paul o seguisse.

Luciano que estava no bar, conversando e trocando carícias com Cloe, os seguiu rapidamente. Rex escutou um leve carinho em forma de insulto por parte de Cloe direcionado a sua pessoa, mas não deu bola. Nunca sabia se ele era o objeto da raiva da melhor amiga da sua esposa ou se o Paul era o novo alvo.

— Cloe já te ama? — Rex perguntou ao Paul enquanto tomava da sua bebida.

Luciano riu baixinho.

— Não sei nem como ela ama o Luciano, mas dá para conviver com isso. Ela não aceita que eu leve o *namoradinho* dela para viajar quase toda semana.

— Acho que nem a *Queiroz* aceita, não é?

— Esse é outro problema a ser resolvido. Quem sabe no Ano Novo?

— Rex riu e entrou no seu escritório seguindo para sua poltrona. Sentou e esperou que Paul sentasse em sua frente.

— Como foi a viagem?

— Produtiva. *South II* pode dizer, nesse momento, que sabe o que é negócios com *Colton e Griggio*.

— Quem é o chefe de lá?

— *Liam Parker*.

— Mestre das *lutas clandestinas*. — Rex respondeu pensando alto.

— Ele mesmo. Mas ainda assim ele precisa de proteção e é isso que estou fazendo. Levando proteção a todos.

Rex sorriu. Seu sorriso era analisador, frio e arrogante ao mesmo tempo.

— Você quer ganhar o mundo, Griggio, bem mais do que Holt um dia ganhou e eu gosto disso. Sempre vi potencial em você. Quando você me procurou para receber conselhos, percebi que você conseguiria dominar *South I*, afinal, você tem *raízes lá*, mas *South II*?

— E o que você me diz de *South III*?

— *Ian Makar*? — Rex riu.

— Acho que é loucura até mesmo para você. — Paul sorriu e bebeu mais da sua bebida.

— Veremos. — duas batidas na porta fizeram com que os dois interrompessem suas conversas. Luciano caminhou até a porta e a abriu. Henrico estava parado a porta seguido de Lincoln e Derek.

— O jantar é aqui ou lá na sala?

— O jantar é lá, mas os negócios são aqui!

— Então vocês falaram comigo!



Henrico passou pela porta dando um leve tapa contra o ombro

do Luciano o cumprimentando.

— Que coisa mais linda! — Cloe abraçou Gabriel e em seguida correu para pegar Mary em seu colo.

Alix estava com Ettore em seu colo enquanto Catalyn e Aricia se cumprimentavam.

— Quem teve essa ideia merece um prêmio. — Aricia quem falou enquanto observava Gabriel correr para o sofá para brincar com o seu *PS Vita* Sophie correu em direção do sofá e sentou ao lado dele.

— Sem brigar, Soph. — Savannah gritou antes de voltar sua atenção para a roda de mulheres que estava ali.

— Alix teve a ideia e me pediu ajuda. — Cloe beijou a amiga. — Não acredito que você está aqui, sério mesmo.

— Novidades, preciso de novidades. O Caribe é lindo, mas meu serviço é ser mãe em tempo integral agora que Derek está por perto *e fingindo que não faz mais parte da máfia*. — Aricia revirou os olhos. — Ele realmente acredita que eu não sei que ele nunca largou essa vida. — Aricia olhou para Gabe no sofá que estava ensinando Sophie brincar no seu vídeo game e depois para sua pequena Mary no colo da Cloe.

— Você está bem? — Catalyn perguntou a Alix.

— O que você tem? — os olhos de Savannah estavam cheios de preocupação, não era uma pessoa muito próxima de Alix, mas isso não significava que ela queria o mal da mulher.

Alix olhou para o corredor.

— *Grávida*.

Não foi preciso falar muito. Aquela única palavra foi o suficiente para quebrar o gelo, que possivelmente, existisse entre elas, afinal, eram várias mulheres diferentes, todas mulheres de mafiosos, algumas esposas de chefes outras companheiras de subchefes, contudo, a hierarquia ficava na máfia, não precisava postergar para o relacionamento delas.

— Eu ia propor um brinde. — Aricia secou uma lágrima que tinha caído em seu rosto. — Mas você não pode beber.

— Posso beber suco. — rapidamente o garçom que estava na ponta da sala se aproximou com a bandeja de bebidas.

— Rex não desconfiou de nada? — Alix pegou o seu suco e viu cada uma de suas colegas se servir, sua mãe estava na cozinha e não teria nada no mundo que a tiraria de lá. Lauren Hine vivia para aquelas festas de final de ano.

— Ele sabe que tem algo errado, mas acho que ele não acha que seja isso.

— Nunca passaria pela cabeça do Tirano a capacidade de ser pai.

— Tenho medo disso. — Alix confessou seu medo. Nem mesmo sua mãe sabia que por trás de todo aquele empenho para tornar a noite inesquecível existia um grande medo da reação do seu esposo.

Era de Rex Colton que estavam falando o homem mais imprevisível e frio do mundo. Claro que Rex já não era mais o mesmo homem de três anos atrás, mas ainda assim, Alix tinha medo. O passado de Rex, pelo menos com o pai, era sombrio, não que ela pensasse que Rex seria um péssimo pai, ser um mafioso não queria dizer que ele seria ruim nesse serviço, contudo, o que Rex realmente queria? Ser pai era um sonho ou um pesadelo depois de sua ruim relação com seu próprio pai? Era esse seu medo.

— Você tem medo que ele não seja um bom pai? — Catalyn perguntou levando o seu copo de suco a boca e o bebendo.

— Não.

— Porque por experiência própria, Henrico é uma delícia de pai. — todas riram e Cat ficou vermelha. — Não estou falando no sentido físico, mesmo que ele seja. Estou falando no sentido fraterno.

— Sei disso. — Savannah piscou para Catalyn. — E posso falar que Lincoln também é perfeito com a Sophie mesmo não sendo o pai dela e com todas as dificuldades que ela tem, Lincoln não seria o melhor para esse cargo.

— Derek é uma prova viva também, tive tanto medo que o passado dele nos empurrasse para algum buraco, mas não.

— Não tenho medo pela vida dele, sei que isso não atrapalhará, mesmo sabendo com todas as minhas forças que não quero meu filho envolvido nisso, ainda assim eu sei que esse mundo ludibria as pessoas.

— Penso o mesmo do Ettore, não o quero seguindo os caminhos do pai, mas ainda assim eu penso: É a família dele é o que eles fazem desde sempre.

— Cadê a família dele falando nisso? — Alix questionou.

— Henrico os buscará depois. Giovana disse que não queria incomodar caso Henrico fosse tratar de negócios, eu disse que isso não ia acontecer e olha aonde ele está?

— Dentro do escritório. — Alix respirou fundo. — Tenho medo disso também. Acompanho a vida do Paul, ele é novo nesse mundo, pelo menos como chefe de uma máfia e, ele não tem vida. E ele e o Rex estão bem próximos com planos bem intrigantes de expansão. Ainda não sei se choro de alegria ou de tristeza por tudo acontecer nesse momento.

— Acredito que você tenha que chorar de alegria. — Cloe estava olhando para Mary que estava dormindo em seu colo. — Você terá um filho do homem por quem você é apaixonada, por quem você resolveu passar por cima de todos os seus medos e dor quando descobriu o que ele fez, para seguir com esse amor, bom. — Cloe deu de ombros. — Essa criança é fruto desse amor, então, agradeça. Vocês estão fazendo um bom trabalho, afinal, vocês namoraram, noivaram, casaram e agora terão filhos. Mais perfeito do que isso só *um livro*.

Alix se surpreendeu com as palavras da amiga. Cloe era tão *sem noção* que quando, seus lábios proferiam palavras de sabedoria e tão sensatas como aquelas chegava até mesmo assustar, mas ela estava completamente certa. Ela tinha que agradecer. Aquela criança era um fruto do amor dela com Rex Colton, e bom, ele era lindo.

— Esse seu lado sensato me assusta quando aparece. — todas começaram a rir.

Elas estavam rindo quando os homens apareceram rindo e, praticamente, empurrando Lincoln para todos os lados.

— Gatinha, você sabia que Lincoln e Savannah vão casar?

Aquilo era o que as mulheres precisavam para o momento: *Rex e seus traumas de infâncias vão interferir em sua paternidade* acabasse.

— Quando eu pedi novidades eu pedi tudo, sabia? — Aricia pegou Mary que começou a acordar no colo da Cloe.

— Não achei que fosse interessante.

— Ah sim, casamentos e.... vocês sabem. Quando isso não seria interessante?

— É que não faço parte do grupo de vocês. — Savannah apontou para as meninas.

— Não há grupo, Savannah. — Catalyn respondeu se aproximando da ruiva e a abraçando. — Fico muito feliz por vocês. Se precisar de ajuda com os preparativos de tudo, pode me chamar.

— Chamarei, você sabe que não tenho ninguém aqui na cidade. Eu só. Sou meio difícil de fazer amigos. É difícil esquecer anos de *escravidão* então pouco tempo.

— Sei disso.

Henrico chegou perto da Savannah e a abraçou, ela não negaria que tinha mais intimidade com Henrico agora. Depois que todas as desconfianças passaram e que ele entendeu que um pai ou uma mãe fariam tudo pelo seu filho, as coisas tinham mudado. Dois anos faziam isso.

— Vou buscar a minha família, *gatinha*.

— Estamos aqui lhe esperando. — Henrico deu um beijo em Ettore que agora estava no chão brincando com os seus carrinhos e saiu sendo seguido por Lincoln que alguns segundos atrás estava brincando com Sophie e Gabriel. A desculpa era que ele estava vendo qual era o jogo que os dois estavam jogando no *PS Vita*, mas Henrico sabia que Lincoln estava de olho no filho mais velho de Derek Holt, sem necessidade nenhuma, eles eram crianças, mas seus pais eram mafiosos.

— Opa. — Henrico passou por uma morena de olhos claros e que parecia brigar com algo dentro de si nas escadas que davam acesso a casa dos Colton. Tinha a leve impressão que a conhecia, de vista, de algum lugar, mas não sabia de onde. — Posso ajudar?

— Griggio está aí? — agora ele sabia quem ela era. A mulher do Paul.

— Está sim, lá dentro.

— Obrigada. — Lincoln passou por ela lhe dando boa noite e o seguiu. Enquanto os dois entravam no carro eles a observaram permanecer no mesmo lugar parada.

As coisas não estavam fáceis para todos.



Elaine estava parada no alto da escada que dava acesso a casa, estava disposta a descer e ir embora. Passou o dia todo brigando e achando que aquilo não era uma boa escolha, mas ao mesmo tempo dizia em seu coração que estava ali por Aricia e por seus filhos, mas sabia que Paul era um dos principais motivos. Lane deu um leve tapa no ar e deu meia volta, Griggio que fosse a merda, ela não esquecia ofensas tão facilmente. Ela passaria o natal com sua mãe.

— Então você ia realmente embora? — Elaine virou para ter a visão de Paul a olhando da varanda. Nunca pensou que ele estivesse a observando.

— Como você sabia que eu estava aqui? — Paul elevou o celular no ar.

— Eu tenho amigos apesar de você achar que não. — *os homens que passaram por ela.*

— Só vim ver a Aricia, já estou indo embora.

— Se é só isso mesmo, por que do medo de entrar?

— Talvez porque eu soubesse que teria que responder tais questionamentos antes de falar com ela e essa não é a minha intenção! — Lane finalmente pareceu criar forças para seguir em frente, mas Paul parecia possuir outros planos.

— Você não entrará aí com raiva. Estão todos felizes, Lincoln acabou de anunciar seu casamento, a atmosfera é de alegria e você parece que

carrega algo pesado em você.

— Você voltou *guru* depois dessa viagem é isso? Só quer falar de amor e...

— Para com isso. — Paul falou com pouco mais grosso com Lane. — É Natal, que droga, só estou falando que as pessoas estão felizes ali dentro e que você não parece no mesmo clima.

— Talvez seja porque você seja um completo imbecil, por isso.

— Você não consegue entender que eu errei? Falei algo que não queria?

— Você não consegue entender que eu não sou qualquer mulher? Que nunca fui? Que quando eu decidi ficar com você, eu realmente decidi isso? E aí, você se transformou no pior homem do mundo.

— Você nunca quis um relacionamento, Elaine!

— Se eu não quisesse um relacionamento eu não estaria em sua casa, *seu idiota*.

— E foi aí que eu errei. Achei que você ainda estivesse no ponto de partida quando tudo começou. Quando você queria ser livre.

— Sou livre, mas isso não significa que sou uma idiota, como você disse.

— Não lhe chamei de idiota.

— Não, você só disse que eu não tinha valor algum. Talvez alguma garota de *Southland* tenha o valor que eu não tenha ou talvez elas te deem o valor que você, acredita, que merece.

— Isso não tem nada a ver, Lane. Estamos discutindo sobre um assunto que nem deveríamos discutir na casa de pessoas que não deveríamos. Acho que isso é um assunto que...

— Lane! — Aricia estava parada a porta de entrada e Elaine respirou fundo. — Achei que você não viesse.

— Também achei. — Elaine caminhou na direção da amiga e precisou passar pelo Paul.

— Ainda não terminamos essa conversa.

— Talvez seja melhor terminar o relacionamento, Griggio. — Lane falou, ou pensou, que falou baixo o suficiente, mas quando olhou na direção da Aricia, ela estava com as sobrancelhas juntas e os encarando. — Como você está? — Lane a abraçou. — As crianças?

— Estamos bem, mas sinto que eu não posso falar a mesma coisa de você.

Lane se segurou para não chorar, não era do seu feito chorar na frente dos outros.

— Acontece. Me conte as novidades.

As duas entraram e Paul ficou sozinho na entrada da casa dos Colton, nunca pensou que amar alguém seria tão difícil, mais difícil que ser chefe de uma máfia.



Alix bateu com o talher contra a sua taça de suco e esperou que todos estivessem com a atenção em sua pessoa. Agora a casa já estava mais cheia, todos os convidados estavam ali, os garçons passam lentamente e discretamente servindo os seus convidados. Familiares, sua mãe, alguns primos, tias, tios e amigos. A família do Henrico, de Aricia e mais alguns amigos da empresa. Rex também chamou alguns dos seus homens que não tinham parentes na cidade e o resumo de tudo era que a casa estava cheia. Uma música ambiente tocava baixinho no sistema de som da casa e a mesa, que em breve, todos estariam sentados para jantar já estava pronta.

— Obrigada pela atenção. Quero agradecer a presença de todos amigos, parentes, agradecer a Cloe pela grande ajuda com esse jantar, se não fosse por ela não estaria acontecendo. Sei que ainda não é meia noite, mas comprei alguns presentes, e acredito que todo mundo tenha algo a falar. — Alix olhou para o seu relógio de pulso. — Temos alguns minutos antes da meia noite e eu, na realidade, só queria propor um brinde. Por mais um Natal ao lado de pessoas que eu amo. — Rex estava alguns passos dela e Alix pegou a pequena caixinha que Cloe estendeu em sua direção. — Tenho presentes para todos, mas antes. — Alix estendeu a mão para Rex e ele se aproximou. — Você merece um pedido de desculpas por que eu realmente fui

o seu pior pesadelo nesses últimos dias. — a resposta de Rex foi um olhar sério e compenetrado, ela não viu um músculo em seu rosto se mexer e ela sabia que seu esposo estava preocupado, nervoso e impaciente em ser o centro das atenções. — Mas prometo que dentro dessa caixa está tudo explicado.

Rex pegou a caixinha com uma mão, levou a taça, que estava na outra mão, a boca e tomou toda a sua bebida que era para o brinde colocou sobre a bandeja do garçom. Um silêncio estranho se acomodou do local. As pessoas pareciam incomodadas e sem graça com sua reação. Devagar, e Alix sabia que era para não estragar a caixa, ele tirou a fita e a abriu.

Alix esperou que os olhos brilhassem ou que Rex sorrisse ou desse qualquer sinal que ele viu o que estava na caixa e entendeu, mas ele permaneceu sério antes de olhá-la dentro dos olhos.

— Isso é sério? — foram as únicas palavras que deixaram sua boca.

— Tenho mais quatro desse para provar. — Rex respirou de forma aliviada e foi a vez de Alix respirar quando ele a abraçou com força.

— Achei que você fosse me deixar. — ele sussurrou em seu ouvido.

— Não, só seremos pais mesmo. — ele riu baixinho antes de começar a beijar Alix.

O silêncio ainda estava na sala, mas não durou muito.

— Alix está grávida, gente. — Cloe gritou na sala fazendo os convidados começarem a bater palmas. — Eles começam a se pegar na frente das pessoas e esquecem que tem gente junto.

Luciano a puxou pela cintura e Cloe respirou quando Rex soltou Alix e olhou na direção do Henrico que estava rindo.

— Sua vida acabou, *Predador*.

Risadas encheram a sala quando um-a-um as pessoas começaram a cumprimentar tanto Rex quanto Alix.

Alix olhou em volta procurando Rex, mas ele não estava. Os convidados estavam jantando, conversando e sorrindo e seu esposo não estava ali. Ele deveria ser a pessoa mais feliz naquela mesa, naquele momento.

— Jardim dos fundos. — Lauren sussurrou para ela depois de interromper, rapidamente, uma conversa com um familiar.

Alix ficou de pé, a intenção era ser discreta, mas não sabia se conseguiu. Ao sair pelo fundos, passando pelo pequeno caos que estava a sua cozinha, ela o viu. Rex estava parado no jardim, olhando para o céu. Parados, com os braços cruzados sobre o peito.

— O que houve? — Alix rodeou seus braços em volta da cintura dele e Rex continuou na mesma posição.

— Você acha que serei um bom pai?

— Por que você não seria?

— Porque não tive um bom exemplo em casa, Alix. Tenho medo de me tornar a metade do homem que um dia o meu pai foi.

— Você tem trinta e três anos de idade, Rex. Você algum vez, durante esse tempo todo, achou que era igual ao seu pai?

— Não. — ele respondeu sucintamente. — Sempre lutei para ser o oposto dele e mesmo não sendo perfeito tenho conseguido.

— Então, qual é o real medo?

— A vida que eu levo. Como criar um filho no meio de tudo que vivemos?

— Henrico cria, Lincoln cria e Derek cria também. E todos vocês foram criados nesse meio.

— E veja bem aonde estamos. — Rex finalmente tocou seus braços e Alix se sentiu aliviada. — Derek mente para Aricia até hoje sobre o que ele faz no Caribe.

— Você acredita mesmo que ela não sabe o que ele faz, Rex? Aricia sobreviveu um ano sem o Derek aqui, aprendeu muitas coisas. Não acompanhamos tudo de perto, mas sabemos muito bem. Não se faça de idiota, amor, não combina com você. Nenhuma dessas mulheres que estão aqui, continuam as mesmas depois que começam um relacionamento com um homem como vocês.

— Derek precisa saber disso. — Rex se virou para encará-la. — Ele realmente acredita que Aricia não sabe. — Alix riu negando com um aceno

de cabeça.

— Não se preocupe com o Derek, se preocupe com você. Quero saber se você está bem.

— Acho que eu fiquei emotivo com a notícia.

— Emotivo? Você não esboçou nenhuma reação, achei que por um minuto fosse me perguntar se eu fiquei louca.

— Aquela foi a minha forma de demonstrar que eu estava emocionado. Já disse, achei que você fosse terminar comigo. Estava preocupado e além do mais... — Rex engoliu em seco e olhou nos olhos de Alix. — Lembrei da minha mãe.

— E do seu irmão. — Alix conseguia entender o que Rex estava falando, a maioria das pessoas ali eram suas amigas, mas ainda assim, não era como no seu caso que tinha a sua mãe e seus parentes por perto. Seu único familiar vivo era o seu irmão e eles nem se falavam mais. — Ligue para ele, Rex. Você tem o número dele.

— Não. — Rex olhou além do rosto da Alix. — Além do mais, Oliver não pode nem desconfiar da sua atual situação. — Rex tocou seu ventre e Alix sentiu sua mão quente e um arrepio tocar seu corpo.

Eles teriam mesmo um filho?

— Ele não faria mal ao seu filho, amor.

— Espero tudo do meu... dele. Mas não quero mais falar nisso. — Rex encostou a sua testa contra a testa de Alix e fechou os olhos. — Acho melhor você ser um menino. — Rex alisou mais o ventre de Alix. — Fico preocupado só de pensar em ter uma filha com a sua beleza. Vou matar muita gente. — Alix gargalhou e seus braços rodearam o pescoço do Rex o puxando para um beijo rápido.

— Feliz Natal, *papai Rex*.

— Terei que me acostumar com isso! Mas, Feliz Natal, meu amor.

Os lábios dos dois estavam prestes a se tocar quando o celular do Rex começou a vibrar em seu bolso, ele nunca deixava passar uma ligação. Ele pegou o aparelho e seu coração deu um pulso ao ver o nome no visor.

— Alô. — ele atendeu temeroso. Não sabia o que esperar.

NACIONAIS-ACHERON

— Feliz Natal, *mano*.

A ligação durou tempo o suficiente para Rex Colton saber que seu irmão se sentiu do mesmo jeito que ele aquela noite, se sentiu sozinho, sentiu sua falta. Rex até tentou segurar, mas uma lágrima solitária caiu em seu rosto e rapidamente ele a secou guardando o celular em seu bolso e abraçando a sua esposa.

É, realmente, Alix estava certa, o *papai Noel* tinha passado naquela noite.

Fim!

Leia o que vem por aí...

Paul

Homens da Máfia

Livro - 5

Prólogo

Elaine pegou mais um copo de champanhe que estava sobre a bandeja que um, dos vários garçons, estavam servindo e pegou um canapé na outra bandeja. Tudo estava lindo, Aricia realmente merecia, mas as coisas ficariam melhores se, algum daqueles muitos homens que estavam ali, trajando ternos Armani caros olhassem para ela. Lane bufou quando, mais um cara usando terno passou ao seu lado, mas nem mesmo a olhou.

O que estava acontecendo com aquele mundo?

Quando ela conseguiria alguém? Alguém de verdade?

Beijo na boca, dançar em uma boate, ficar louca com as amigas, beijar uma vez em meses, nada daquilo contava e muito menos era o que Elaine queria para a sua vida. Em seus sonhos ela tinha contato com um homem lindo, que tinha força para pegá-la no colo, carregá-la, tomá-la e domá-la de várias as formas. Mas sonho era sonho e vida real era totalmente diferente.

— Aposto um dólar com você que não tem nenhuma calcinha por baixo do seu vestido. — tremer foi a primeira coisa que Elaine fez ao ouvir aquela voz perto do seu ouvido. Aquela respiração batendo contra as suas costas nuas.

— Um dólar? — Lane virou e sentiu as pernas fraquejarem.

Que homem era aquele e qual buraco ele estava escondido? Ele era um *deus*?

— Não quero perder tanto dinheiro assim, *Morena*. — um par de olhos azuis lhe analisaram de cima abaixo e Elaine se sentiu completamente nua. — Sei exatamente que não há nada aí por baixo.

Lane sorriu e bebeu mais da sua bebida, pois sua garganta estava seca.

— Quem sabe você perde o dinheiro, mas ganha outra coisa? — ela mordeu o lábio e assistiu o homem na sua frente, um completo, *monumento*, observar seus movimentos.

Ele era definitivamente o cara!

Depois de esperar aqueles anos todos, sempre tendo uma pré-seleção para o cara, que seria *O CARA*, agora ela sentia que havia encontrado. Mesmo não sabendo seu nome, sabia que aquele par de olhos azuis seria o escolhido.

— E o que seria isso? — ele se aproximou levando a mão em sua cintura e Lane se segurou para não gemer com seu aperto.

Que mão era aquela?

— Você. — ela tocou em seu peito. Ele era grande e *duro*. Já conseguia pensar em outras coisas só tocando aquele peito. — Eu e o primeiro banheiro que for encontrado nesse lugar.

Ela não precisou falar mais nada, ele simplesmente a puxou no meio de todos os convidados. Era impossível não ver um homem de quase dois metros, loiro e de cabelos longos, puxando uma mulher, de pele morena, cabelos presos, corpo curvilíneo, em direção do local em que estavam os WC, quase todos sabiam o que eles estavam fazendo e Lane não sentiu vergonha nenhuma.

— Não podemos demorar. — ela gritou enquanto ele a puxava pelo corredor. — Preciso entrar como dama de honra.

— Você conhece a Aricia? — ele questionou enquanto procurava o tal banheiro, Elaine sabia.

— Não estaria aqui se não conhecesse pelo menos um dos dois, não é?

— Isso á fato. Mas você entrará com ela, então, você é muito mais do que uma simples colega. — o *Monumento* parou na frente de uma porta a abriu, olhou dentro e fez um sinal para Lane entrar. Era uma pequena sala.

— Sim, somos colegas de trabalho, somos amigas e eu acompanhei um pouco desse dilema que foi a vida dela com o Derek. É quase uma surpresa vê-la casar com ele. E você?

— Eu o quê? — ele fechou a porta e Elaine se dirigiu para a pequena mesa que tinha ali. O que era aquilo? Um tipo de enfermaria?

— Convidado de quem?

— Derek.

— Você parece mais um segurança do que convidado.

— Pode se dizer que sim.

Elaine se engasgou com sua própria saliva quando o *Monumento* tirou o terno e depois a camisa, mostrando um peito definido, três gomos de músculos e dois oblíquos que levavam a um lugar que ela adoraria estar.

— Céus! Você é realmente um *monumento* esculpido. E qual é seu nome, afinal?

— Paul. — ele se aproximou levando a mão contra o pescoço dela, o rodeando e olhando como se fosse algo divino também. — Você quem é um monumento, morena. Olha esses olhos, olha as maçãs desse rosto, esse pescoço, esse... — Lane o viu ficar sem palavras ao olhar seus seios. — Você estava escondida onde?

— Me fiz a mesma pergunta sobre você! — ela se aproximou sentindo o membro de Paul duro contra a sua barriga e parecia imenso. Ficou sem ar de novo. — Me beija.

Lane queria se bater por ter pedido, por parecer que estava implorando, mas o sorriso que Paul lhe deu valeu apenas. Ele se aproximou, passando os lábios contra o dela de forma lenta e carinhosa, raspou o nariz contra o dela, Lane sentiu o cheiro do perfume dele e ficou com água na boca. Elaine gemeu quando Paul apertou seu seio com uma mão e finalmente tomou seus lábios!

Foi uma explosão, sentir aquela língua devorar sua boca! Lane se agarrou ao Paul, como se ele fosse o seu bote salva-vidas. A outra mão livre dele entrou por parte do seu vestido de seda e ele sorriu sobre seus lábios.

— Merda! Perdi um dólar, não é que você está de calcinha. — Paul passou o dedo em uma linha reta sobre o sexo de Lane e ela abriu os lábios o apertando mais. — Mínima, mas é uma merda de uma calcinha. Poxa, morena. — Elaine sorriu.

Aquele era um tipo de apelido que ele colocou nela, era isso?

— Desculpe por decepcioná-lo. — Lane brincou.

Lane lançou a cabeça para trás quando um dedo de Paul a invadiu.

— Nossa, você é apertada aqui!

Lane sentiu seu corpo ficar duro e contraído. Agora viria a parte que

ela contaria uma pequena verdade e seria bem capaz que Paul não continuaria aquele pequeno momento.

— Eu... — ele a olhou com o cenho franzido, mas entendimento passou por seus olhos.

— Você tem certeza disso? Quer que eu *seja o primeiro*?

— Se você preferir, pode ser o segundo, o terceiro, o quarto! Eu realmente não me incomodo.

Paul gargalhou e a puxou para mais perto lhe dando um beijo e depois seu dedo fez um leve carinho em seu rosto.

— Merda!

— Você gosta dessa palavra, não é? — Lane o questionou puxando uma mecha do cabelo dele para trás. — Merda! — ela brincou.

Paul desceu e puxou o lábio dela entre os dentes.

— Prefiro mais em sua boca, *morena*. E eu serei. — Lane teve as pernas abertas pelas mãos de Paul e ele ficou de joelhos no meio delas, colocando sua calcinha para o lado. Ele estava com um sorriso de quem estava prestes a aprontar.

— O quê?

— O segundo, o terceiro, o quarto e pode ter certeza que o último!

Elaine tinha uma resposta bem pensada para dar ao Paul, mas a resposta sumiu quando ele devorou seu sexo com a boca e só lhe restou pender a cabeça para trás, agarrar seus cabelos e gemer alto!

Merda!